

RUBEM BRAGA ESCREVE DIRETAMENTE DO  
**O ASSUNTO ERAM OS**

**"FRONT" PARA O "DIARIO CARIOCA"**

**TIROS DOS ALEMÃES**

**C**OM A FEB NA ITALIA — De Rubem Braga, correspondente do DIARIO CARIOCA — Num dia calmo, num dia comum da frente, a nossa artilharia dá em média uns 400 tiros. Num dia de ataque a nossa artilharia e a artilharia de Corpo de Exército fazem, para apoio e proteção, cerca de 7.000 tiros. Foi isso o que o S3 — o oficial encarregado de operações — de nossa artilharia me mostrou no seu diário. Já o S2 (que antes de assumir essa importante função exerceu, a bordo, a bem mais modesta de censor deste nobre cronista) explicara como colige as informações que lhe compete dar ao S3. E é possível que qualquer dia eu explique como funciona uma central de tiro. O que porém logo impressiona o reporter é o caráter profundamente anti-jornalístico dessa arma.

Em um dia de ataque, quando se tem aviso, o melhor é ficar no P.C. de alguma unidade de infantaria ou em algum P.O. (posto de observação). Se a gente ficar no P.C. na artilharia ouve mil telefonemas mas não vê absolutamente nada da guerra. O mesmo em uma central de tiros de um grupo. Junto a uma bateria há o estrondo dos canhões — e mais nada. Numeros de coordenadas, numeros de alça e mira, palavras de código para designar objetivos (concentrar dois grupos em Borboleta 8!) — isso é uma guerra feita por calculos, sobre o mapa, é uma luta de matematicas. Até mesmo essas coisas tão livres — o vento solto das montanhas, o ar carregado de agua ou límpido e puro — até mesmo essas coisas se transformam em secos numeros que chegam três vezes por dia num boletim meteorológico e servem

- segue -

(Artilharia - Jan. 45 - FEB)  
pg 155

falta "mestre pracinha e a neve - dez 44  
FEB pg 131  
falta "Fim de ano" 30/12/44 pg 144

103

(direção, intensidade do vento, densidade atmosférica a tantos metros de altura) para modificar outros números que regulam o tiro que deve cair sobre um outro número, que é o objetivo. A guerra se deshumaniza: é uma coisa neutra e fria, de cálculos.

Com certeza foi por isso que o S3, de brincadeira recomendou ao motorista que nos levasse (Joel Silveira, Egidio Squeff e eu) com toda pressa ao P.C. de um dos grupos — onde teríamos assunto.

O assunto, logo soubemos, eram os tiros que os alemães costumam dar a certa hora do dia contra aquele P.C. Pois chegamos 10 minutos antes da hora. E na hora certa rebentaram lá fora umas quatro ou cinco granadas, sendo que um estilhaço e uma espoleta entraram pela vidraça de nossa

sala, fizeram dois rombos na madeira e foram colecionadas por um pracinha sobre cuja cabeça o estilhaço passara a uma distância de poucos centímetros. Depois do que, reinou a calma: pois tendo cumprido o que consideram naturalmente um dever cívico, dando cinco tiros em cada refeição contra aquele P.C., os alemães não atirariam mais. Podíamos sair tranquilos — e se quisessemos voltar no dia seguinte poderíamos ver um outro pracinha colecionar, como "souvenir", dois outros estilhaços de algum outro "shrapnel".

A única consequência visível foi o tenente encarregado desse detalhe telefonar para o S2 da respectiva AD comunicando que acabavam de explodir ali tantas granadas provavelmente de tal tipo, vindas aproximadamente de tal direção. (Espero que o S2 tenha avisado oca-

sionalmente ao S3 e que este tenha ficado satisfeito em saber que, conforme prometera, nos proporcionara um assunto). Em consequência do que foi escrito em um caderno um pequeno número seguido de um outro número de vários algarismos.

Declarei ao comandante do grupo que me negava terminantemente a considerar como assunto aqueles tiros, e que ficaria profundamente contrariado se tivesse sido atingido por um daqueles cacos de aço burocráticos, servidos rotineiramente duas vezes ao dia. Um simples correspondente não pode exigir, naturalmente, um tiro de "Sniper", com fuzil de mira telescópica e pontaria pessoal e intransferível — mas aquelas granadas administradas como pilulas em local certo e hora marcada, também não interessavam.

Fomos depois de muitas voltas e pontes a um outro grupo, onde encontramos o cabo Scliar — o Carlos Scliar, pintor e jornalista que vai muito bem e conversava com um rapazinho do Georgino Avelino (que também vai muito bem) — e os dois informaram que naquela central e tiro os alemães não têm atirado. Passamos depois por algumas baterias e voltamos ao acampamento.

Sim, retornarei à artilharia, farei possivelmente uma reportagem conscienciosa e direitinha sobre seu funcionamento — mas desculpem, eu sou um infante. De longe do "fox-pole", muito teoricamente, com uma sincera aversão às metralhadoras e aos morteiros do inimigo — mas a verdade é que sou um infante, tenho um coração pé-de-poeira.

(Artilharia - Jan. 45 - FEB)